

Biblioteca quer dizer livros, e livros quer dizer vida e consciência dela, elementar e profunda, jovial e angustiada, do sonho e do tempo. Do princípio lembro, na cadeirinha alia, os livros de pano com as papas, do género "como hoje estás tão bela, diz o lobinho à gazela". E depois o fascínio com *Le Ballon Rouge*, de Albert Lamorisse, pela beleza esfuziante da cor - a viagem no azul ou no vermelho fulgurante dos balões. Mas o primeiro livro de facto, livro para ler., atento, absorvido, é *O Livro das Crianças* de António Botto. Livro para sempre, livro que faz crescer, nele se acorda verdadeiramente para o sentido da gratidão, o valor da ternura e da bondade, a grandeza dos sacrifícios escondidos, dos actos mais puros e abnegados, o amor da mãe. Nele ficam as primeiras lágrimas que não são de berço, nele eu vou à escola para a primeira aula. No *Livro das Crianças* se fica adulto.

E aos poucos vai ganhando presença a biblioteca do avô Matias, em fileiras cerradas de lombadas belas, mas preservada dos outros. Um a um, os livros passaram-me pela mão só em partilhas, um fim triste para qualquer biblioteca que ao longo de anos alguém constrói com um carinho e uma orientação particulares. O avô era um poeta e também um bibliófilo de interesses vários mas com uma preferência especial pela arte de encadernar, tendo sido um dos poucos portugueses que sobre encadernação escreveram livros. Era natural que gostasse de possuir exemplares que honrassem essa arte. De entre os lindíssimos trabalhos que me foram aparecendo, destaco as encadernações dos livros que ele próprio escreveu, quer pela originalidade da concepção, quer pela delicadeza do pormenor. Por vezes, de entre os poetas e bibliófilos com quem se correspondia, alguém aparecia em pessoa lá por casa, como aquela poetisa que lhe veio oferecer um exemplar de *A Encadernação em Portugal* encadernado por ela mesma. E os olhos do avô brilhavam...

Mas Biblioteca quer também dizer trabalho, forçado ou não, com prazer ou desprazer, mas trabalho. Por isso é importante o lugar, o dela e o nosso nela, e o horizonte, e os cheiros, e os sons. O meu paradigma positivo é a British Library em Londres.

*O Reading Roam*, iluminado, com aquela extraordinária disposição circular, a ilusão de céu, as confortáveis cadeiras de estofado deslizante... Em que sítio mais nos agradecem ao entregarem-nos os livros? - Thank you, sir; thank you, madam. Mas a National Library of Wales, em Aberystwyth, sobre a colina, com a cidadezinha galesa aos pés e a baía com a praia de calhaus e o mar forte, tem uma sedução diferente. Quando ouvia o grito das gaivotas e o trabalho se perturbava com o voo, o bater das asas, a sugestão de maresia, eu sonhava com o mesmo para o Porto. Esses desvios são daqueles que ajudam a andar para a frente. Por momentos rasga-se a parede para o horizonte, voa-se lá para cima para as gaivotas; depois retoma-se o ponto com choques envolventes de calor.

No Porto não era assim. O ano em que inicio a docência é o mesmo em que as *Germânicas* ocupam o edifício das Taipas. Aqui os docentes fizeram de tudo - lembro-me de como saltávamos com fragor no centro das salas grandes tentando avaliar, bem pouco cientificamente, se as ditas resistiriam ao peso dos alunos ... Com uma virtuosa noção de honra e grande espírito de sacrifício, preferíamos ser nós a sofrer o destino dos remadores dos antigos galeões indo para o fundo. Mas este docente, de entre essas muitas e variadas tarefas, acarinhava especialmente a da formação da biblioteca, a "nossa" biblioteca, para a qual fui reservando tantos volumes quanto era possível das livrarias de Lisboa, sendo outros encomendados de fora. Como sala de leitura, a biblioteca das Taipas, não sendo aberrante, tinha contudo sérias deficiências: era um espaço "fechado" e pequeno;

assemelhava-se a uma sala de aula; era impossível evitar o barulho do exterior, quer o da rua, quer o da entrada do edifício. O Instituto Inglês, lá no topo, era um lugar mais aprazível. Lá encontrávamos o Dr. Armando Morais, infelizmente desaparecido, organizando, catalogando.

Um pequeno interregno em Aveiro vê-me de novo a contribuir para a formação da biblioteca dos Estudos Ingleses daquela Universidade Nova, mas com uma diferença abissal no capítulo financeiro, uma vez que as verbas para aquisições me permitiam desfalcar as livrarias de Lisboa a um ponto que no Porto eu não podia sequer imaginar e, por outro lado, sob a minha directa responsabilidade, o que me permitia ser muito mais rápido.

De regresso a casa, porque o Porto, o próprio burgo, é o sítio em que nasci e definitivamente a minha cidade, vejo-me nas Comissões de Biblioteca, a das *Germânicas* e a geral, continuando em lutas por dotações mais vantajosas para uma secção que tinha menos do que as outras e na qual as limitações orçamentais exigiam um rigoroso controle das aquisições, sobretudo para que não fossem feitas encomendas de livros já existentes.

A união das secções no edifício do Campo Alegre vê-me menos próximo das preocupações com a biblioteca enquanto conjunto bibliográfico, uma vez acabadas as comissões respectivas e reorganizados os serviços noutros moldes. O meu trabalho nesta área limitou-se a não esquecer que o docente deve fazer sugestões de aquisição, quer baseadas no que as livrarias vão apresentando, quer no que do estrangeiro vem notícia, o que aliás estimula tanto a biblioteca como as livrarias. Por outro lado, creio ter sido o primeiro a utilizar aqui o *Inter-library Loan*. Era o tempo da Dra. Celeste Paradela, infelizmente também desaparecida, como outros mais. e causou alguma perturbação o meu pedido dos dez volumes de sermões de John Donne da edição

Potter-Simpson. Lá acabaram por vir da Sorbonne, novinhos em folha, e para lá regressaram impecáveis, como era de prever, não sem que me tivesse responsabilizado várias vezes pelos inenarráveis perigos a que os volumes ficariam sujeitos. Como sala de leitura tínhamos então e tivemos até há pouco tempo aquele pequeno espaço a que todos se habituaram, nada consentâneo com a dimensão que a Faculdade atingiu. Felizmente que os Institutos foram colmatando as exiguidades da sala-mãe, oferecendo aos alunos lugares alternativos de consulta.

Hoje estamos no novo edifício da Faculdade de Letras do Porto. Em termos de espírito, a Biblioteca confirmará certamente a abertura e eficiência que se vêm sentindo há alguns anos. Não há receios ou estranheza perante solicitações menos comuns. O Boletim Bibliográfico continua o seu bom serviço, a informatização avança em vários planos, as pessoas adaptaram-se a outras exigências, sente-se um dinamismo diferente, acontecem coisas novas. Como lugar de trabalho, a biblioteca melhorou imensamente em relação à antiga, sendo agora o espaço mais agradável de um edifício que nem sempre o é. A sua distribuição por vários pisos, várias saias, salinhas e recantos, resultou num ambiente com intimidade e conforto, a que a luminosidade e o horizonte emprestam a sensação tonificante que não se encontra nos sítios muito fechados, baixos e sombrios. Harmoniosa, atraente, panorâmica, dá vontade de lá nos refugiarmos dos grandes espaços sem espaço da nova Faculdade de Letras.

Também os Institutos são lugares bem agradáveis, se bem que aqui não se tenha ganho em espaço em relação às salas do edifício antigo, até pelas fusões a que foram obrigados. Mesmo assim, nas respectivas "torres", confundem-se com oásis, e dá vontade de fugir para lá dos soturnos gabinetes dos docentes.

À Biblioteca e aos Institutos a nova Faculdade concedeu espaços em altura, o que constitui um estímulo a visões de amplitude e infinito. A Biblioteca sobretudo, panorâmica, com o seu vasto horizonte e em ligação telúrica ao rio Douro, é um lugar com força, em que podemos estar melhor a sós connosco e com a memória colectiva, em escuta da raiz profunda e em projecto de futuro. Poderá mesmo acontecer o grito da gaivota e a sugestão de voo e de maresia que perturba o trabalho num momento para afinal o transformar em vida.

*José Luís Araújo Lima*